

**SEGURANÇA NO SUBCOMPLEXO REGIONAL NORTE-ANDINO:
DESDOBRAMENTOS PÓS-11 DE SETEMBRO**

Vicente Rodrigues da Fonseca Pchara¹

Resumo

O Subcomplexo Regional Norte-Andino é composto pela Venezuela, Colômbia, Equador, Peru e Guiana. Estes países detêm uma agenda de segurança tão próxima que é mais fácil vislumbrar a região como um complexo do que cada agenda separadamente. O presente artigo irá contextualizar a metodologia dos Complexos Regionais de Segurança, apresentada por Buzan e Waever em 2003 no livro *Regions and Powers*, abordando a integração regional, as agendas de segurança destes países e os problemas com a guerra na Colômbia, tendo como objetivo conjugar esses fatores e procurar demonstrar a existência de um possível *overlay*² da agenda de segurança do Subcomplexo Regional Norte Andino pela projeção de interesses dos EUA sobre a região. Para muitos os fatos ocorridos em 11 de setembro de 2001 agravaram esse processo de sobreposição e imposição de interesses dentro do continente, já que devido á uma mudança nas diretrizes da política estrangeira Norte Americana, são notados indícios de uma guinada no sentido de intervenção e priorização da segurança nacional, mesmo que ela seja exteriorizada e seus subprodutos gerem insegurança na nação afetada, vide os conflitos no Iraque e no Afeganistão. Todos estes aspectos são abordados a fim de trazer a tona uma nova perspectiva para se visualizar o dilema da segurança na América do Sul, e problematizar o papel dos EUA na região, como um ator securitizador ou um ator que impõe uma agenda sem observar as peculiaridades dos acontecimentos e conflitos regionais. O artigo buscou problematizar uma série de situações e temas, discutindo e apresentando autores que corroboram com a perspectiva apresentada, também foram utilizados alguns dados sobre a intervenção econômica e militar na Colômbia a fim de embasar a perspectiva apresentada.

Palavras-chave: Andes. International Security. RSC South America. Overlay.

¹ Bacharel em Relações Internacionais - Unisul

² Sobreposição – tradução do autor.

**III Seminário de Pesquisa Interdisciplinar
A primeira década novo milênio: sociedade, instituições e inovações
Universidade do Sul de Santa Catarina, SC, Brasil, 9, 10 e 11 de maio de 2011**

Abstract

The North Andean Regional subcomplex is composed of Venezuela, Colombia, Ecuador, Peru and Guyana. These countries hold a security agenda so close that it is easier to envision the region as a complex agenda than each separately. This paper will contextualize the methodology of the Regional Security Complex, presented by Buzan and Waever in 2003 in the book *Regions and Powers*, addressing regional integration, the security agendas of these countries and the problems with the war in Colombia, aiming to combine these factors and attempting to prove the existence of a possible overlay of the security agenda of the North Andean Regional subcomplex by the projection of U.S. interests on the region. For many, the events of September 11 2001 aggravated the process of overlapping interests within the continent, mainly due to a change in foreign policy guidelines of U.S. where it can be observed noticeable signs of a shift towards intervention and prioritization of national security, even if its results are externalized and tend to create insecurity in the nation affected, as in the conflicts in Iraq and Afghanistan. All these aspects are addressed in order to bring out a new perspective to the security dilemma in South America, and to discuss the U.S. role in the region as a securitizing actor or an actor that imposes its agenda without regard to the local peculiarities or regional conflicts. The article sought to question a number of situations and themes, discussing and presenting authors who agree with the perspective presented, were also used some data on the economic and military intervention in Colombia in order to support the perspective presented.

Keywords:

1. Introdução

Os países do bloco andino representam atualmente a maior fonte de insegurança na América do Sul, já que os conflitos armados na região ainda indicam uma ameaça à soberania e integridade de alguns Estados. Tais embates são também explicados pela formação histórica da região, a qual é conhecida como de extrema violência e periodicidade. Aparentemente os resquícios dessas alterações ainda atormentam e incorporam o cenário político, militar e econômico da região, trazendo à

III Seminário de Pesquisa Interdisciplinar
A primeira década novo milênio: sociedade, instituições e inovações
Universidade do Sul de Santa Catarina, SC, Brasil, 9, 10 e 11 de maio de 2011

tona episódios de extrema insegurança, como as mobilizações militares na Colômbia e Venezuela e o afastamento político da Colômbia, que se alinha com Washington.

Entender estes conflitos pode ser a peça chave nas relações andinas e Sul-Americanas na perspectiva da garantia dos interesses locais diante de demandas externas e a possível criação de uma comunidade Sul-Americana no continente, não só nos termos econômicos, mas também de integração cultural e tecnológica, como forma de aumentar a força da região ante outros Estados nacionais e blocos regionais que vem se formando com o fim da Guerra Fria.

Nas últimas décadas a discussão no campo da segurança vem tomando novas formas, e as teorias tentam explicar e problematizar as diversas configurações de segurança que abrangem os cenários de conflito e interesse no sistema mundo atual. Entre os novos pensadores, destaca-se a metodologia de Buzan e Waever (2003)³, os Complexos Regionais de Segurança (RSC), por seu aspecto modernizador em relação às teorias já conhecidas. A metodologia toma forma pelo fato de agregar algumas considerações importantes, por exemplo, a percepção de que a segurança entre os Estados é estabelecida de forma primeiramente regional, e não através dos grandes atores, como antes se percebia. Pode se entender os complexos regionais de segurança como blocos de países que interagem entre si de forma tão próxima ou complexa que as relações entre eles geralmente são mais importantes que os atores globais. A anarquia como princípio do relacionamento entre os Estados nacionais é uma característica muito utilizada pela escola realista, e não é diferente na metodologia do RSC, porém a importância das ações e reações dentro de uma região pode afetar mais rapidamente e especificadamente aqueles mais próximos, por isso devemos pensar de forma sub-regional e regional antes de pensar globalmente.

2. Dos Complexos Regionais de Segurança

³ BUZAN, Barry; WAEVER, Ole. *Regions and Powers: The Structure of International Security*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

III Seminário de Pesquisa Interdisciplinar
A primeira década novo milênio: sociedade, instituições e inovações
Universidade do Sul de Santa Catarina, SC, Brasil, 9, 10 e 11 de maio de 2011

Segundo Buzan e Waever⁴, a maioria das ameaças viaja mais facilmente por distâncias mais curtas do que longas distâncias, por isso a interdependência dos fatores de segurança são normalmente padronizados em aglomerados regionais, ou seja, complexos de segurança. Desta forma, os complexos regionais se tornam os atores fundamentais no entendimento das redes de segurança entre os Estados nacionais.

Podemos perceber, então, que o ambiente geográfico afeta muito mais a interação de ordem militar, política, ambiental, quanto social, ao ponto de influenciar claramente a agenda de segurança destes países. Já a economia internacional hoje apresenta tal elasticidade que a regra da geografia não é tão válida para o contexto dos RSC.

Buzan⁵ afirma que o principal elemento que deve ser adicionado às relações de poder é o padrão de relações amistosas ou de inimizade entre Estados. Amistosas quando estas relações apresentam sinais de genuína amizade e até expectativa de proteção; enquanto inimizade é definido por relacionamentos marcados pela desconfiança e o medo. E, no meio, a neutralidade, que é, na verdade, a ausência de ambas. Buzan⁶ ainda argumenta que, em alguns momentos, os fatores podem tomar contexto histórico, e uma amizade ou inimizade pode virar uma característica das relações entre esses países.

Ainda consoante o autor, os padrões que delimitam as relações amistosas ou de inimizade podem ter suas origens em diversos fatores que não podem ser preditos a partir de uma simples consideração da variável poder. Desta forma, é necessário estar atento a fatos mais específicos como diferenças étnicas, alinhamentos ideológicos, disputas de fronteiras e até ligações históricas preexistentes.

⁴BUZAN; WAEVER, 2003, op. cit, p. 4.

⁵ BUZAN, Barry. People, states and fear. An agenda for international security studies in the post-cold war era. Boulder: Lynne Rienner Publishers, 1991, p. 188-189.

⁶ Ibidem

III Seminário de Pesquisa Interdisciplinar
A primeira década novo milênio: sociedade, instituições e inovações
Universidade do Sul de Santa Catarina, SC, Brasil, 9, 10 e 11 de maio de 2011

Buzan⁷ acredita que os quadros de amistosidade ou inimizade podem adicionar clara sensação ao padrão de relacionamento e às características de insegurança, ao invés de prezar apenas a variável poder. Essa ideia reverte os subsistemas de segurança regionais como uma característica geográfica, sendo estes os padrões que moldam esta dinâmica.

Outro fator a ser incorporado à perspectiva dos RSC é a capacidade de distribuição de poder dos atores em cada região. De acordo com Buzan e Waever⁸ os padrões de poder regionais podem ser afetados e balanceados por outros Estados, fenômeno chamado de penetração, o qual ocorre quando um great power ou superpower modifica a distribuição de poder ou o balanço nas relações de segurança naquela região, ou se alinhando a um Estado, ou na tentativa de resolver problemas de segurança regional com tendência a spillover, como no caso de Paquistão e Índia. Porém, para a metodologia do RSC, é imprescindível perceber que estas relações que acontecem fora do complexo regional são fatores de menor importância em relação às internas, e representam uma visão contrária à supervalorização do papel dos great powers na formação da agenda de segurança mundial.

Ainda segundo Buzan e Waever⁹, a metodologia do RSC prevê que não se pode arbitrariamente distribuir os países em complexos de segurança, como, por exemplo, os membros do TNP¹⁰ ou do CCG¹¹. Para se qualificar um grupo de países como um complexo de segurança, devem tais países manter um nível de interdependência em seus temas de segurança, garantindo a primazia desta última como único foco na escolha dos grupos de países. Da mesma forma, a formulação de um RSC não pode ser sobreposta por outra, ou seja, os complexos de segurança devem ser mantidos de forma separada, não sendo possível que um país participe de mais de um complexo. Nos casos de envolvimento externo, existem duas possibilidades, uma, a penetração, que já foi aqui explicada, e a outra, a sobreposição,

⁷ Ibidem

⁸ BUZAN; WAEVER, 2003, op. cit, p. 46.

⁹ BUZAN; WAEVER, 2003, op. cit, p. 48.

¹⁰ Tratado de Não-Proliferação Nuclear

¹¹ Conselho de Cooperação do Golfo

III Seminário de Pesquisa Interdisciplinar
A primeira década novo milênio: sociedade, instituições e inovações
Universidade do Sul de Santa Catarina, SC, Brasil, 9, 10 e 11 de maio de 2011

que é a atuação de um Estado, geralmente um superpower, sobre um RSC, ou seja, a securitização daquela região está sofrendo influência de uma potência externa. A agenda de segurança do RSC será motivada em alguns aspectos pela forma e pelo grau de influência desta sobreposição.

Por último, os aspectos de amizade e inimizade podem ser levados em conta na formação e manutenção dos RSC. Isso fica claro quando Buzan e Waever trazem a perspectiva de Wendt para a formulação dos cenários de segurança regional:

Those of Wendt's predisposition can see that this social theory can easily be applied as a useful constructivist elaboration of the amity-enmity variable in a RSCT, though his scheme is more differentiated than the simple dyad of enemy or friend. Wendt's idea of social structures of anarchy (Hobbesian, Lockean, Kantian) is based on 'what kind of roles-enemy, rival, friend-dominate the system' (WENDT, 1999, p. 247); and how deeply internalized these roles are – by coercion (external force), by interest (calculations of gain and loss), and by belief in legitimacy (understandings of right and wrong, good and bad). All of these ideas work as comfortably at regional level as they do at the global one. (BUZAN; WAEVER, 2003, p. 50).

Os autores¹² ainda expõe que a metodologia dos Complexos Regionais de Segurança (RSC) trata a distribuição de poder e relações amistosas ou de hostilidade como variáveis essencialmente independentes. A polaridade pode afetar, mas não determina as relações de segurança. O processo de securitização é essencialmente aberto e sujeito a influência de muitos fatores. O RSC oferece uma estrutura conceitual que classifica as regiões de segurança em uma série de tipos e, por isso, oferece uma base para estudos comparativos em segurança regional. Também oferece uma metodologia com alguma capacidade de previsão, no sentido de diminuir as possibilidades de resultados possíveis para cada tipo de região.

Finalizando, os autores percebem a estrutura do RSC como uma matriz durável e não uma permanente. Asseveram também que as estruturas dos complexos de segurança não existem independentemente das nações, porém fazem parte da interação entre estas.

3. A Identidade Sul Americana

¹² BUZAN; WAEVER, 2003, op. cit.

III Seminário de Pesquisa Interdisciplinar
A primeira década novo milênio: sociedade, instituições e inovações
Universidade do Sul de Santa Catarina, SC, Brasil, 9, 10 e 11 de maio de 2011

O continente sul-americano exhibe uma formação histórica muito própria, quando nos referimos à criação dos Estados nacionais. Em outros continentes colonizados durante o século XVI, ocorreu a formação de diversas colônias onde cada potência regional europeia buscava se afirmar na captação de novos recursos das terras distantes. Já na América do Sul, sobressaiu-se a dualidade ibérica, composta das duas principais potências marítimas da época¹³, sendo que a Inglaterra se posicionou ao norte do continente, deixando, assim, espaço para a formação de um binômio de poder e disputa que caracterizou a divisão geográfica e cultural da parte sul do continente americano. Tal divisão é de extrema importância para pensarmos as relações de poder que amadureceram até os dias de hoje. Os Estados nacionais que emergiram dessa mistura cultural e geográfica apresentam, nos dias de hoje, interesses comuns em alguns aspectos, e aspiram a se fortalecer na medida do possível.

Já que o momento econômico atual é de regionalização¹⁴ frente às ameaças de um mundo globalizado e ultra-competitivo, podemos visualizar as diversas iniciativas de cooperação regional que estão espalhadas pelos blocos econômicos presentes em todo o mundo, sendo a União Europeia o principal modelo de integração econômica, mesmo que poucos países do mundo estejam dispostos hoje a serem submetidos a tal supranacionalidade.

Na América do Sul, existem o MERCOSUL e a CAN como exemplos de cooperação econômica e institucional, constituindo-se como acordos locais que visam ao crescimento econômico através da cooperação local, usando os recursos que estão mais próximos e garantindo o crescimento mútuo e, assim, a segurança econômica necessária para o futuro. Porém, os aspectos de paz e guerra sempre estão presentes dentro das nações, e caracterizam não apenas a sua formação histórica, mas também os medos e preocupações para o presente e futuro de cada Estado soberano. Apesar da relativa calma e segurança com que estamos acostumados a

¹³ Refere-se à Espanha e Portugal no Séc. XV e XVI.

¹⁴ Segundo BUZAN; WAEVER, 2003, op. cit, p. 23: uma perspectiva do âmbito global para o regional pode ser vista da seguinte maneira: *"If global-triggered concerns and resentments cause reactions defined in relation to regional actors and issues, the resulting constellations can easily be regional"*.

III Seminário de Pesquisa Interdisciplinar
A primeira década novo milênio: sociedade, instituições e inovações
Universidade do Sul de Santa Catarina, SC, Brasil, 9, 10 e 11 de maio de 2011

viver nos dias de hoje, existem mais de dezesseis¹⁵ conflitos armados em andamento no mundo, ou seja, a iminência de um conflito armado e violento ainda está muito presente mundialmente, inclusive na América do Sul, com é exemplo a guerra civil na Colômbia.

Desta forma, a criação de mecanismos de cooperação e fóruns de discussão para apaziguar as diferenças e conciliar os interesses de forma regional tem sido o principal modelo utilizado na América do Sul, como é o caso da criação da UNASUL e a tentativa de modernizar a OEA.

4. As Agendas de Segurança do Subcomplexo Norte-Andino

A América do Sul está dividida em dois subcomplexos. Os países que fazem parte do subcomplexo Norte-Andino são Colômbia, Venezuela, Peru, Equador e Guiana e os países que fazem parte do subcomplexo Cone Sul são Brasil, Argentina, Paraguai, Uruguai, Bolívia e Chile. Os dois subcomplexos juntos formam o Complexo Regional de Segurança Sul-Americano.

As dinâmicas das agendas de segurança nos países do Subcomplexo Norte-Andino são marcadas pela complexidade das relações bilaterais, os padrões de amistosidade e inimizade, além de conflitos preexistentes entre as nações. No topo de tudo, o conflito da guerra civil colombiana preenche espaços de insegurança, isto ocorre graças à permeabilidade das fronteiras amazônicas onde se refugiam grupos de guerrilheiros. Região amazônica esta que é comum à Colômbia, Venezuela, Peru, Equador e Guiana, todos estes membros dos Subcomplexo Norte-Andino. A presença de grupos de guerrilha atuando em seus territórios muda a visão dos países em relação à segurança da região. Mesmo porque as ações desses grupos podem ser caracterizadas como terroristas¹⁶.

O terrorismo fica mais bem conceituado nas palavras do advogado da União, Fabrício Vergueiro:

¹⁵ Segundo o Stockholm International Peace Research Institute (SIPRI), em 2006 foram registrados 17 conflitos em 16 regiões do globo. Fonte SIPRI 2007.

¹⁶ A destabilização do Estado colombiano é a principal meta a ser atingida pelos grupos de guerrilha com ideologia de esquerda.

III Seminário de Pesquisa Interdisciplinar
A primeira década novo milênio: sociedade, instituições e inovações
Universidade do Sul de Santa Catarina, SC, Brasil, 9, 10 e 11 de maio de 2011

[...] o terrorismo atual, a despeito das variações, caracteriza-se pela existência de um mínimo organizacional, que lhe permita coordenação das ações; impulso ideológico e objetivos pretendidos. O terrorismo não é um fim em si mesmo, nem uma crise aguda de esquizofrenia. Para alguns, surge como resposta às pressões negativas da economia, que impedem o diálogo político moderado e conduzem à ruptura violenta, como na Itália dos anos 70, com a criação das Brigadas Vermelhas. Outros enxergam uma tendência humana à permanente insatisfação política, potencializada pelo totalitarismo de organizações ideologicamente orientadas, e que torna aceitável a violência contra quem discorde do grupo, favorecendo um raciocínio de “nós contra eles.” (VERGUEIRO, 2006, p. 1).

Para tanto, devemos observar as reais capacidades de uma ação terrorista e seus aspectos dentro do Estado. Sain traz uma abordagem bastante interessante sobre a forma como se dá este fenômeno atual ao abordar o objetivo destas ações, distinguindo as ações isoladas da formação de um grupo terrorista.

Así, el terrorismo es un fenómeno de carácter político dado que configura una práctica mediante la cual agentes intentan afectar o incidir de alguna manera sobre el alcance y el contenido del funcionamiento estatal y de las actividades gubernativas. No obstante, el “uso político” que se puede hacer de esta práctica violenta permite distinguir al “terrorismo como recurso táctico”, que es aquel cuyas acciones “constituyen un método auxiliar o forman parte de un combinado de actividades notablemente más amplio”, del “terrorismo de uso estratégico”, que es aquel en el que las acciones terroristas son “utilizadas de manera preferente o tendencialmente exclusiva”. Cuando el terrorismo se convierte en una forma de violencia estratégicamente predominante o un método casi exclusivo de acción política por parte de ciertos actores, se está ante la presencia de un grupo u organización terrorista. (SAIN, 2003, p. 196).

O terrorismo é atualmente uma das ameaças mais temidas pelas nações, porém devemos observar as diferenças entre terrorismo e guerra civil, que são marcadas pela percepção dos Estados. Não se pode negar que houve uma diferença nesta percepção a partir da mudança da política externa norte-americana após os ataques de 11 de setembro. Segundo Cepik e Ramírez¹⁷, o termo terrorismo designa somente uma modalidade de ação violenta. Porém, nem toda forma de ação violenta é terrorista ou muito menos de terrorismo internacional. E, para Bonilla e Cepik¹⁸, este

¹⁷ CEPIK, Marco; RAMÍREZ, Socorro (Ed.). Seguridad andino Brasileña: Conceptos, actores y debates. Bogotá: Fescol, Iepri, ufrgs, 2004.

¹⁸ BONILLA, Adrián; CEPIK, Marco. Seguridad Andino-Brasileña: Conceptos, Actores y Debates. In: ROJAS, Aravena, F. (Org). La seguridad en América Latina pos 11 de septiembre. FLACSO-Chile, Woodrow Wilson Center, 2003.

III Seminário de Pesquisa Interdisciplinar
A primeira década novo milênio: sociedade, instituições e inovações
Universidade do Sul de Santa Catarina, SC, Brasil, 9, 10 e 11 de maio de 2011

conceito de terrorismo que foi ampliado depois de 11 de setembro tende a transformar os problemas de qualquer natureza em assuntos de segurança.

O séc. XXI trouxe novas perspectivas à segurança internacional e os conflitos interestatais já não são mais o foco único nas políticas de segurança a curto prazo. Novos desafios transnacionais se estendem no âmbito de segurança. São eles: terrorismo, comércio de armas e entorpecentes, crime organizado, segurança energética, segurança alimentar, spillover de conflitos e ameaças em países vizinhos. Para tanto, as agendas de segurança no Subcomplexo se dividem entre as ameaças comuns relacionadas aos Estados, os referidos conflitos fronteiriços, e as ameaças não tradicionais.

South America's security agenda is an extensive, multilevel and complex one. It demands the simultaneous management of domestic crises, interstate conflicts and transnational threats. Though located at different systemic levels (national, international, transnational), the three conflict clusters are often interrelated and tend to in the region's border areas— which is why they are often referred to as "border conflicts" in the media. (FLEMES; RADSECK, 2009, p. 8).

Este conceito de três clusters conflituais - nacional, internacional, e transnacional - explica a multilateralidade dos conflitos chamados fronteiriços. A mistura de agentes locais, de interesses regionais e, por fim, transnacionais, conjuga os processos de regionalização da agenda de segurança. A securitização das ameaças é realizada de forma pouco consensual pelos países da região.

Em junho de 2002, os países da CAN assinam em Lima "*La Carta Andina para la Paz y la Seguridad*", a qual reforça o compromisso em formular políticas de segurança e instaurar uma zona de paz na região, além de citar o combate ao terrorismo, limitar os gastos com a defesa, o controle de tráfico de armas de pequeno porte, entre outros. Porém, como vimos anteriormente, o número de contenciosos no bloco foi bastante expressivo durante a última década. Isso demonstra que, mesmo havendo vontade política, a região necessita aumentar os esforços na cooperação entre os países para melhorar a qualidade das respostas aos conflitos regionais. O Subcomplexo Norte-Andino é marcado pela presença do spillover da guerra civil

III Seminário de Pesquisa Interdisciplinar
A primeira década novo milênio: sociedade, instituições e inovações
Universidade do Sul de Santa Catarina, SC, Brasil, 9, 10 e 11 de maio de 2011

colombiana, do processo político na Venezuela, da instabilidade política em quase todos os países da região, em suma, uma grande variedade de litígios.

“Políticamente se constata la fragilidad de los procesos democráticos en todos los países andinos desde mediados y fines de la década de 1990, como lo ejemplifican los golpes de Estado en Ecuador, la caída de presidente Gonzalo Sánchez de Lozada en Bolivia, la salida de Alberto Fujimori en el Perú, la posterior baja de legitimidad del presidente Alejandro Toledo, el conflicto colombiano y el proceso político y social de Venezuela, con lo que en escala de preocupaciones andino-amazónicas sin duda estos temas pueden combinarse en una crisis regional de grandes proporciones que puede afectar a todos los actores directamente.” (BONILLA; CEPIK, 2004, p. 87).

Segundo Buzan e Waever¹⁹, podemos diferenciar os Subcomplexos regionais na América do Sul como sendo o do Cone Sul um regime de segurança e Norte-Andino como um regime de formação de conflito. Para Costa²⁰, esta diferenciação feita por Buzan e Waever resulta na possibilidade de uma análise específica para cada perspectiva de mudança, tanto interna como externa, ou de manutenção dos regimes de segurança do complexo. Dada a constatação da diferença entre os Subcomplexos, devemos pensar que as diferenças estruturais entre as regiões estão ligadas aos seus padrões históricos de amizade e inimizade entre as nações, e, por isso, uma mudança no padrão do Subcomplexo Norte-Andino para um regime de segurança depende da evolução das relações bilaterais e da estabilidade política na região. Podemos observar que esta estabilidade depende também de políticas externas convergentes, como demonstra Cepik:

No caso da fragmentação nos posicionamentos em política externa e temas de defesa, é notória a diferença nos graus de apoio às prioridades e ênfases da guerra global anti-terror promovida pelos Estados Unidos entre, por exemplo, a Colômbia e o Chile. (CEPIK, 2005, p. 6).

Esta perspectiva de uma política externa mais próxima é o que pode acabar definindo a aproximação do Subcomplexo Norte-Andino de um regime de

¹⁹ BUZAN; WAEVER, 2003, op. cit, p. 320-339.

²⁰ COSTA, R. S. Segurança Coletiva em processos de integração: perspectivas teóricas e aplicabilidade para as experiências na América do Sul. In: 5º ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CIÊNCIA POLÍTICA, 2006, Belo Horizonte. 5º Encontro da Associação Brasileira de Ciência Política, 2006, p. 7.

III Seminário de Pesquisa Interdisciplinar
A primeira década novo milênio: sociedade, instituições e inovações
Universidade do Sul de Santa Catarina, SC, Brasil, 9, 10 e 11 de maio de 2011

segurança. Porém, os padrões de inimizade continuam como carga histórica, e devem ser o principal entrave a uma aproximação dos países em torno de uma agenda de segurança que abasteça as necessidades da região. Desta forma, é possível ainda especular que as instituições já presentes venham a aumentar suas capacidades à medida que os países sentem à mesa para discutir os assuntos de segurança e busquem entendimentos regionais.

5. O Caso Colômbia

Temos três atores principais no âmbito da segurança nacional na Colômbia. Primeiro, o Estado colombiano sendo um reflexo das instituições e governo que representam a parte constitucional do país. Segundo, a luta armada revolucionária que pretende chegar ao poder pelo meio militar, sendo as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC)²¹ e o Exército de Liberação Nacional (ELN)²² seus principais representantes. Terceiro, os grupos paramilitares Auto Defesas Unidas da Colômbia (AUC)²³, que surgiram da ineficiência do governo em lidar com o conflito. O narcotráfico surge como a solução econômica aos últimos dois, deixando para o Estado a responsabilidade de restaurar a ordem e paz no país. O grande problema estrutural desta cadeia é que as ações dos grupos armados ultrapassam as fronteiras do Estado colombiano e chegam a outros países, e seu subproduto, o narcotráfico, afeta diretamente outros países da região e do mundo que tentam combater o problema das drogas em seu território nacional.

Dentro das políticas internas da Colômbia, com a eleição de Alvaro Uribe em 2001, as políticas de segurança mudaram de forma drástica em todo território

²¹ FARC ou FARC-EP, sendo EP exército do povo. É um grupo insurgente, de caráter comunista, que procura poder político através da luta armada, e utiliza o narcotráfico como principal fonte de renda para suas ações. Também utiliza seqüestros e cobra resgates como forma de aumentar seus recursos financeiros. O comércio e produção de drogas, principalmente a cocaína, rende grandes receitas ao grupo armado.

²² ELN é uma organização guerrilheira de caráter comunista, porém com a diferença de uma doutrina católica, inspirada na Teologia da Libertação. O grupo não se dedica a produção ou comercialização de drogas. Sua renda vem da extorsão de companhias de petróleo, contra quem realiza atentados atingindo sua infraestrutura. Também realiza muitos seqüestros a fim de receber resgate.

²³ AUC é uma organização guerrilheira que foi concebida com a intenção de combater as guerrilhas de inspiração marxista na Colômbia. É responsável pela maior parte dos abusos aos direitos humanos e também tem contato com o narcotráfico.

III Seminário de Pesquisa Interdisciplinar
A primeira década novo milênio: sociedade, instituições e inovações
Universidade do Sul de Santa Catarina, SC, Brasil, 9, 10 e 11 de maio de 2011

nacional. Romperam-se alguns conceitos anteriores e se consolidaram outras práticas que já vinham de outros governos. Podemos citar as políticas de “Segurança Democrática” e o “Plano Colômbia” como pontos principais na política interna colombiana que vem afetando a conjuntura de segurança da região, já que o primeiro trouxe mudanças no formato de guerra preexistente, alterando a maneira como os grupos armados se mobilizam na região, e o segundo, pelo apelo belicista e de poder econômico que influencia e prioriza um país em detrimento de uma região já marcada pelas animosidades entre vizinhos.

A guerra civil que se estabeleceu na Colômbia faz dezenas de vítimas diariamente, e ameaça diretamente a segurança dos países vizinhos, já que suas fronteiras são altamente permeáveis e de difícil acesso. Neste contexto, Bonilla²⁴ informa que, “Em termos de segurança, o conflito colombiano tem sido percebido como uma ameaça para todos os países vizinhos”.

Com a persistência do conflito colombiano e sua repercussão no âmbito internacional, as tensões na região andina crescem gradualmente. Na expectativa de uma resolução desse embate, alguns atores começam a se mobilizar. É o caso dos Estados Unidos com o Plano Colômbia em uma ação unilateral, e de outros Estados e organizações como a França, União Europeia, ONU, Anistia Internacional e até o Vaticano, estes últimos propondo ajuda conciliatória entre as partes ou mesmo humanitária aos refugiados. A globalização do conflito trouxe agravantes às relações com os países vizinhos em uma tendência de aumentar o número de variáveis de interesse na região.

“Não é explícito. Porém, a maneira com que os militares dos países vizinhos têm reagido ao conflito colombiano revela uma desconfiança manifesta ante todos seus protagonistas armados, inclusive frente às tropas governamentais” (BONILLA, 2003, p. 136).

²⁴ BONILLA, Adrian. “Escenarios de seguridad y defensa en los países andinos”. In: ROJAS, Aravena, F. (Org). La seguridad en América Latina pos 11 de septiembre. FLACSO-Chile, Woodrow Wilson Center, 2003, p. 141.

III Seminário de Pesquisa Interdisciplinar
A primeira década novo milênio: sociedade, instituições e inovações
Universidade do Sul de Santa Catarina, SC, Brasil, 9, 10 e 11 de maio de 2011

Os países andinos tendem a ver no problema da Colômbia um grande receio quanto às capacidades do Estado, e por isso, percebem como menos confiáveis as relações como o mesmo.

6. A Hegemonia Norte-Americana e Suas Influências

Quanto ao termo hegemonia, do grego hegemon, “líder”, vejamos a seguinte explanação:

Em primeira instância, hegemonia significa simplesmente liderança, derivada diretamente de seu sentido etimológico. O termo ganhou um segundo significado, mais preciso, desenvolvido por Gramsci para designar um tipo particular de dominação. Nessa acepção, hegemonia é dominação consentida, especialmente de uma classe social ou nação sobre seus pares. Quanto mais difundida a ideologia, tanto mais sólida a hegemonia e tanto menos necessidade do uso de violência explícita. (GRAMSCI; STILLO, 1998, p. 1).

Existe muita divergência acadêmica sobre a real hegemonia dos EUA no mundo atual. De um lado, temos um Estado capaz de se projetar internacionalmente, sem restrições geográficas, porém perceptivelmente com recursos limitados. De outro, a economia norte-americana ainda é a base do sistema de comércio internacional, e o dólar a moeda utilizada na maioria das transações comerciais do mundo. Esta importância garante a centralização de muitas tomadas de decisão e o papel de ator principal no sistema mundial atual. Pode-se ver, ainda, a clara superioridade militar da superpotência, país que gasta metade do orçamento militar mundial. Contudo, a possibilidade de atores de menor escala, que concentram recursos tanto econômicos, como o caso da U.E. e China, quanto bélicos, como a Rússia, fazem pender a balança do conceito tradicional de hegemonia.

Por outro lado, ao contrário dos mitos acerca da pax americana, a natureza da hegemonia é regional e mais orientada para assuntos específicos, do que geral. Segundo Nye, é a ausência de uma hegemonia geral, que ajuda, por exemplo, a interpretar as oscilações da política externa americana para com os aliados europeus. Nye diverge em particular dos proponentes da teoria da estabilidade hegemônica, argumentando que esta perspectiva não explica suficientemente a relação entre poder militar e econômico e hegemonia. (FERNANDES, 1993, p.5).

III Seminário de Pesquisa Interdisciplinar
A primeira década novo milênio: sociedade, instituições e inovações
Universidade do Sul de Santa Catarina, SC, Brasil, 9, 10 e 11 de maio de 2011

Desta forma, podemos continuar a indagação sobre as reais capacidades da superpotência atual. Sem qualquer dúvida, a capacidade militar norte-americana pesa na balança de poder internacional, o que ficou bem claro com as guerras no Afeganistão (2001) e Iraque (2003), pois ambas reafirmaram o poderio bélico da superpotência, inclusive após a dissolução do Pacto de Varsóvia quando se acreditou que haveria numa diminuição dos gastos com armamentos e conflitos. Mesmo a partir do fim da bipolaridade e da corrida armamentista da Guerra Fria, a posição de Washington foi clara: manter o país como uma superpotência militar e garantir a centralização econômica já estabelecida após a segunda guerra mundial.

Sob uma óptica distinta, se fez visível a vulnerabilidade norte-americana durante os ataques de 11 de setembro, e mesmo as guerras chamadas preventivas que ocorreram após os ataques demonstraram a dificuldade em lidar com os dispêndios econômicos e sociais de conflitos de médio porte.

Tudo isso indica que, apesar de não ser uma hegemonia completa, ou pax americana, os EUA representam hoje o ator mais capaz de se projetar de forma internacional em todos os setores possíveis e com singular reconhecimento mundial desta capacidade de atuar fora de suas fronteiras. Logo, para entendermos as relações entre os Estados modernos, será utilizada neste artigo a ideia de hegemonia norte-americana, já que atualmente é a ideia mais bem construída e utilizada, mesmo que duvidosa.

7. O Overlay dos EUA no RSC Norte-Andino, Plano Colômbia

Segundo Buzan e Waeber²⁵, foi após os atentados de 11 de setembro que os EUA intensificaram sua política externa antiterror, envolvendo as guerrilhas de esquerda da América Latina nas listas de grupos terroristas. O que se seguiu foi uma série de programas e incentivos ao governo colombiano no âmbito da repressão destes grupos. É notório lembrar que, anteriormente aos ataques de 11 de setembro, os EUA já mantinham programas de apoio ao combate do narcotráfico na Colômbia, em virtude da permeabilidade de suas fronteiras e a grande oferta de cocaína colombiana em

²⁵ BUZAN; WAEVER, 2003, op. cit.

III Seminário de Pesquisa Interdisciplinar
A primeira década novo milênio: sociedade, instituições e inovações
Universidade do Sul de Santa Catarina, SC, Brasil, 9, 10 e 11 de maio de 2011

território norte-americano. Porém, como mostra a Tabela 1, o envio de recursos militares quase dobrou após os ataques de 11 de setembro.

AJUDA DOS EUA À COLÔMBIA, 1996-2006 (incluindo recursos além do Plano-Colômbia)											
Em milhões US\$...	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005(est)	2006(req)
Militar/Policial.....	54.15	88.56	112.44	309.18	765.49	242.97	401.93	620.98	555.07	641.6	641.15
Econômico/Social..	0.62	0	0.52	8.75	214.31	5.65	120.3	136.7	134.98	131.29	138.52
% Militar.....	99.88	100	99.53	97.42	78.12	97.72	76.96	81.95	80.43	83.01	82.23

Tabela 1 - AJUDA DOS EUA À COLÔMBIA, 1996-2006. FONTE: CIPONLINE

As relações entre EUA e o Subcomplexo Norte-Andino podem ser marcadas pela forte presença militar norte-americana, e, segundo Buzan & Waever²⁶, a penetração do RSC Norte-Americano sobre o Subcomplexo Norte-Andino é constante e talvez seja possível a separação dos países andinos do RSC Sul-Americano e a sua incorporação pelo RSC Norte-Americano. Esta perspectiva é uma suposição na qual se abre ao debate o futuro da região.

[...] a transformação do complexo de segurança da América do Sul infelizmente poderá se dar na direção de uma integração da região andina (e mesmo o Paraguai) ao complexo de segurança norte-americano, por meio de um processo de incorporação que traz para a agenda dos Estados Unidos não apenas seus aliados (como a Colômbia), mas também seus adversários (como a Venezuela). Esta seria uma transformação radical na paisagem, algo que o final da Guerra Fria e os atentados de 11 de setembro não haviam causado. (CEPIK, 2005, p. 11).

Buzan e Waever²⁷ analisam esta aproximação norte-americana dos assuntos colombianos, e assume que a premissa principal continua sendo a guerra contra as drogas e não a guerra ao terrorismo. Os autores calculam que a premissa ainda é de uma guerra hemisférica de confronto às guerrilhas de ideal marxista e às drogas. Porém, devemos perceber, como enumera a Tabela 1, que houve aumento considerável no envio de recursos a este país após os atentados de 11 de setembro.

The attacks of 11 September have raised an analytical question in this region too. Does the link become more global than interregional with a potential redefinition of the US effort in and around Colombia as part of 'the war on terrorism' (a global effort) rather than 'the war on drugs' (de facto hemispheric)? So far this has not been the case, because the activities are not tightly integrated into a coherent 'war' that structures in any systematic way. It's mostly a relabeling and legitimization of conducting the war on drugs as a counterinsurgency operation, as several actors had wanted for while. The

²⁶ BUZAN; WAEVER, 2003, op. cit.

²⁷ Idem.

III Seminário de Pesquisa Interdisciplinar
A primeira década novo milênio: sociedade, instituições e inovações
Universidade do Sul de Santa Catarina, SC, Brasil, 9, 10 e 11 de maio de 2011

guerrillas have been linked to the IRA but not to the Middle Eastern Islamists, and they are therefore fought partly because of the drug issue, partly qua Marxists-in both cases very much with classical hemispheric optic. (BUZAN; WAEVER, 2003, p. 328).

Para entendermos melhor esta penetração nas agendas de segurança dos países andinos, devemos entender a dinâmica das relações regionais, e sua permeabilidade internacional. Afinal, o narcotráfico abastece de entorpecentes ilegais quase todo mercado do continente americano, gerando grandes problemas sociais e despesas aos cofres públicos que despejam recursos em programas sociais, tratamento e reabilitação de dependentes químicos, além da violência gerada diretamente e indiretamente pelo mercado clandestino destas substâncias. Estes gastos podem chegar a cifras impressionantes: em 2004 calculou-se que os EUA gastavam US\$ 245²⁸ bi anualmente para sanar os efeitos colaterais destes ilícitos.

[...] sería tan equivocado ignorar al gobierno de Estados Unidos como actor securitizador de la región, como intentar aplicar la lógica de los procesos de securitización de la subregión sin incluir los intereses de la superpotência” (BONILLA; CEPIK, 2004, p. 57).

Conclui-se que a possibilidade de uma integração nas agendas de segurança pode levar a uma absorção do Subcomplexo Norte-Andino, trazendo consequências desastrosas para a agenda de segurança Sul-Americana. Como disse Cepik²⁹, uma reestruturação de tal porte seria infinitamente mais radical que qualquer outro evento no continente, quando pensamos uma perspectiva de integração regional. Tal possibilidade está ancorada aos acontecimentos futuros e se as políticas serão estabelecidas de forma conjunta entre os países do RSC Sul-Americano. Para tanto, ainda não está claro o caminho que se constrói, pois, se por um lado, as iniciativas regionais trazem alguma legitimidade, por outro, é difícil perceber uma efetividade destas instituições durante as diversas crises da última década.

8. Conclusões

²⁸ BUARQUE, Daniel. PREJUÍZO: O preço da droga e a ressaca social. Folha online. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/treinamento/vicios/te1706200417.shtml>>.

²⁹ CEPIK. op. cit.

III Seminário de Pesquisa Interdisciplinar
A primeira década novo milênio: sociedade, instituições e inovações
Universidade do Sul de Santa Catarina, SC, Brasil, 9, 10 e 11 de maio de 2011

As direções que os Estados andinos vêm tomando em termos de segurança pós-11 de setembro de 2001, sob a óptica do modelo do RSC, configuram-se numa rede de relações bilaterais, porém moldadas ao redor do fórum da CAN. A região andina enfrenta problemas de ordem econômica social e política desde os primórdios da civilização moderna. Sofreu durante várias décadas com guerras civis e violência política. Sempre foi uma região mais conturbada que a parte do sul do continente e, provavelmente, continuará assim. Espera-se que ocorra um amadurecimento político-civil da região que vem sendo construído conforme se abre o debate democrático na América Latina.

A problematização dos principais acontecimentos estruturais pós-11 de setembro e a evolução das relações entre os Estados andinos se desenrolaram a partir da contextualização destas agendas de segurança no RSC Norte-Andino. As agendas destes países foram estudadas a fim de buscar traços que apontam para um possível desdobramento relevante, o qual se diferencie do que estava presente no pós-11 de setembro. O contexto que se construiu diverge em alguns pontos do que foi apresentado em 2003, já que se caracterizaram temas como o aumento dos gastos militares e o aumento de envio de recursos ao Estado colombiano. Outros pontos importantes foram o enfraquecimento da CAN e a nova perspectiva da UNASUL.

Logo, podemos observar uma maior aproximação dos EUA na região, deixando claras as intenções de securitizar assuntos de interesse da potência nas agendas destes países. Por este lado é possível perceber a diferença entre a forma que a política norte-americana alterou sua posição ante as questões de segurança interna colombiana, e marcou uma passagem para uma política de guerra ao terrorismo, mesmo essa visão não sendo bem aceita internamente na Colômbia.

Percebe-se que está cada vez mais claro que o Plano Colômbia esteja diretamente ligado à guerra contra o terrorismo, e sua agenda de interesses se mistura à agenda colombiana de guerra contra as guerrilhas, deixando pouco espaço para as manobras políticas do governo colombiano no que se refere a sua política externa com os Estados Unidos. É inútil deixar de aceitar que esta relação de dependência

III Seminário de Pesquisa Interdisciplinar
A primeira década novo milênio: sociedade, instituições e inovações
Universidade do Sul de Santa Catarina, SC, Brasil, 9, 10 e 11 de maio de 2011

financeira e militar influencia a tomada de decisões tanto no âmbito diplomático quanto no político daquele país.

Neste sentido, devemos observar que, apesar da aproximação dos países Sul-Americanos ao redor da UNASUL, ficou claro que a não-participação da Colômbia traria o impedimento do funcionamento do Conselho de Defesa da organização, já que as questões de segurança interna e sua 'parceria' com os Estados Unidos são de grande importância para todos os países do continente. Desta forma, a simples recusa em estabelecer uma abertura de diálogo sobre o Plano Colômbia com os outros países quase dissolveu as possibilidades da criação do conselho.

Deste modo, podemos observar que continua a existir a possibilidade do Overlay do RSC Norte-Andino pelos EUA, já que os planos de assistência militar e econômica na guerra às drogas e a guinada política para a guerra ao terrorismo traz desbalanços para as agendas de segurança continentais e prioriza a visão unitarista do auxílio norte-americano.

Por outro lado, os planos da UNASUL são, no mínimo, extravagantes, dadas as enormes dificuldades de securitização e estabilidade política da região. Conforme o relatório do OPSA, os países andinos são os que apresentam o maior índice de instabilidade política. Esse dado nos revela a dificuldade que será posta aos líderes e idealizadores da UNASUL, já que a distância das agendas de segurança não deve ser encurtada apenas com um simples processo de criação de uma OIG, logo que os desníveis políticos se transformaram na maior dificuldade para o bloco, ao invés das diferenças econômicas como se presume.

A América Latina já falhou diversas vezes ao tentar criar organizações para aumentar a integração regional, e o MERCOSUL aparece como uma aparente exceção à regra na região. As diferenças entre as iniciativas regionais MERCOSUL, CAN, CARICOM, expansão do NAFTA ou a criação da ALCA demonstram a quantidade de fracassos estruturais na obtenção de consenso hemisférico. Porém, por outro prisma, a América Latina e principalmente o MERCOSUL nunca estiveram tão

III Seminário de Pesquisa Interdisciplinar
A primeira década novo milênio: sociedade, instituições e inovações
Universidade do Sul de Santa Catarina, SC, Brasil, 9, 10 e 11 de maio de 2011

fortemente posicionadas econômica e politicamente, sendo que talvez seja possível a integração com bases na força do MERCOSUL, ou seja, a presente UNASUL.

Outra questão alarmante é o aumento dos gastos militares na América do Sul. Os dados coletados pela SIPRI³⁰ são coerentes quanto ao aumento dos gastos, porém ainda não é completamente certa a intenção de modernizar o aparato militar, já que Chile, Venezuela e Colômbia continuam adquirindo armamento, ao invés de uma simples modernização. O Chile ainda securitiza suas relações com Peru e Bolívia, dados os contenciosos históricos, porém Colômbia e Venezuela caracterizam que existe uma escalada nos gastos militares na região.

O risco político ainda existe, principalmente pela baixa segurança política nos países andinos e sua inquestionável conexão com o processo democrático nesses países. Porém, observa-se um aumento dos gastos militares, mormente nos países que representam a maior parte dos gastos da região. Isso mostra uma evolução das relações multilaterais na região, sendo um agravamento das tensões entre os países ou em vista da guerra civil colombiana, com a ressalva de que nenhum acontecimento de extrema importância no conflito colombiano ocorreu, durante esse período, suficientemente para alterar as compras militares da Venezuela, por exemplo.

Concluindo, as possibilidades nesta constelação de variáveis políticas não são previsíveis de forma a se promover um cenário delimitado, porém as diretrizes do modelo RSC mantém a maioria dos padrões iniciais descritos por Buzan e Waever, apenas com ressalvas às compras de armamento realizadas pela Venezuela e pela mudança na política de suporte à Colômbia por parte dos Estados Unidos. Além disso, o grau de instabilidade política nos Andes se manteve razoavelmente alto, apesar do fortalecimento da democracia na América do Sul, o que demonstra a fragilidade desses Estados perante as novas problemáticas do século XXI: terrorismo, pobreza, insegurança alimentar, comércio de armas e entorpecentes, crime organizado, segurança energética e o Spillover de conflitos internos em países vizinhos.

³⁰ BROMLEY, Mark; FREEMAN, Perlo. SIPRI Yearbook 2009: Armaments, Disarmament and International Security. Military expenditure. Disponível em: <books.sipri.org/files/misc/SIPRIBP0906.pdf>.

III Seminário de Pesquisa Interdisciplinar
A primeira década novo milênio: sociedade, instituições e inovações
Universidade do Sul de Santa Catarina, SC, Brasil, 9, 10 e 11 de maio de 2011

Fica, ao final, a problemática da integração regional: se pelo lado andino haverá o Overlay das agendas de segurança pelos EUA ou se o MERCOSUL conseguirá trazer estes países para o diálogo da regionalidade da UNASUL?

Referencias:

BONILLA, Adrian. "**Escenarios de seguridad y defensa en los países andinos**". In: ROJAS, Aravena, F. (Org). La seguridad en América Latina pos 11 de septiembre. FLACSO-Chile, Woodrow Wilson Center, 2003.

BONILLA, Adrián; CEPIK, Marco. **Segurida Andino-Brasileña: Conceptos, Actores y Debates**. In: ROJAS, Aravena, F. (Org). La seguridad en América Latina pos 11 de septiembre. FLACSO-Chile, Woodrow Wilson Center, 2003.

BROMLEY, Mark; FREEMAN, Perlo. **SIPRI Yearbook 2009: Armaments, Disarmament and International Security. Military expenditure**. Disponível em: <books.sipri.org/files/misc/SIPRIBP0906.pdf>. Acesso em: 15 janeiro 2011.

BUARQUE, Daniel. **PREJUÍZO: O preço da droga e a ressaca social**. Folha online. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/treinamento/vicios/te1706200417.shtml>>. Acesso em: 13 janeiro 2011.

BUZAN, Barry. **People, states and fear: An agenda for international security studies in the post-cold war era**. Boulder: Lynne Rienner Publishers, 1991.

BUZAN, Barry; WAEVER, Ole. **Regions and Powers: The Structure of International**

CEPIK, Marco; RAMÍREZ, Socorro (Ed.). **Seguridad andino Brasileña: Conceptos, actores y debates**. Bogotá: Fescol, Iepri,ufrgs, 2004.

COSTA, R. S. **Instituições na Integração da América do Sul: identificação da estratégia da Política Externa brasileira no Governo Lula**. In: ISA - ABRI CONFERENCE 2009, 2009, Rio de Janeiro. ISA - ABRI Joint International Meeting: Diversity and Inequality in World Politics, 22-24 July 2009.

III Seminário de Pesquisa Interdisciplinar
A primeira década novo milênio: sociedade, instituições e inovações
Universidade do Sul de Santa Catarina, SC, Brasil, 9, 10 e 11 de maio de 2011

_____. **Segurança Coletiva em processos de integração: perspectivas teóricas e aplicabilidade para as experiências na América do Sul.** In: 5º ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CIÊNCIA POLÍTICA, 2006, Belo Horizonte. 5º Encontro da Associação Brasileira de Ciência Política, 2006.

DEPARTAMENTO de Estado dos Estados Unidos. **Congressional Budget Justification for Foreign Operations.** Disponível em: <<http://www.state.gov/documents/organization/123415.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2010.

FERNANDES, Luís Filipe Lobo (Comp.). **ESTRATÉGIA - Revista de Estudos Internacionais.** Disponível em: <http://www.ieei.pt/files/Leituras10_11.pdf>. Acesso em: 10 janeiro 2011.

GRAMSCI, Antonio; STILLO, Monica. **Hegemonia.** Disponível em: <http://www.usp.br/fau/docentes/deprojeto/c_deak//CD//4verb/hegemon/index.html>. Acesso em: 04 maio 2010.

HAUGAARD, Lisa; OLSON, Joy; ISACSON, Adam. **Erasing the Lines: Trends in U.S. military programs with Latin America.** CIPONLINE. Disponível em: <<http://www.ciponline.org/colombia/background.htm>>. Acesso em: 15 janeiro 2011.
Security. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

SIPRI, Stockholm International Peace Research Institute. **Yearbook 2007: Armaments, Disarmaments and International Security.** Disponível em: <http://se2.isn.ch/serviceengine/Files/EINIRAS/32388/ipublicationdocument_singledocument/605CF3FA-1F95-4783-88A0-14BE1F3A1E63/en/YB07mini.pdf>. Acesso em: 20 de março de 2011.

VERGUEIRO, Fabrício. **Terrorismo e crime organizado têm objetivo e causa distintos.** Disponível em: <http://www.conjur.com.br/2006-mai-22/terrorismo_crime_organizado_objetivos_diferentes#autores>. Acesso em: 15 janeiro 2011.